

Reza, doutrina e oração¹

Christiane Mota

*Mestre em Ciências Sociais - PPGCS/UFMA
Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular;*

Francisco Ernesto Basílio Gomes

Mestre em Ciências Sociais - PPGCS/UFMA

Resumo

Neste trabalho, discutiremos as terapias buscadas na pajelança, bem como as hierarquias e disputas travadas entre os especialistas nos tratamentos terapêuticos. *Pajelança* ou *Cura* são denominações pelas quais se reconhece, no Maranhão, uma prática religiosa que coaduna aspectos e elementos do catolicismo, das culturas indígenas e africanas, em especial, do tambor de mina e da chamada “medicina popular”. As hierarquias estabelecidas no terreiro não obedecem a um formalismo rígido; porém, o pajé ocupa lugar de destaque. Contudo, é interessante observar que há outros indivíduos especializados nos tratamentos de doenças que atuam com semelhante eficácia e funções distintas: o rezador/rezadeira, o benzedor/benzedeira, a parteira e o mezinheiro. Pretendemos, portanto, apresentar essas especialidades, assim como identificar em que situações cada uma é acionada; posto que questões de gênero, acúmulo de funções e ambigüidade são aspectos diretamente relacionados a esses ofícios.

Palavras-chave: Pajelança. Religiosidade. Tratamentos Terapêuticos.

Pajelança

“Outra zona em que inesperadamente o africano colabora muito na feitiçaria brasileira, é na Amazônia, onde o culto dominante é chamado pagelança”, assim Mário de Andrade (1983, p.26) expressa, a partir de pesquisas realizadas nas décadas de 20 e 30, o paralelismo evidenciado entre a pajelança - remetida a uma herança indígena -, e os cultos africanos no Norte e Nordeste brasileiros. No Maranhão, mais que uma “colaboração”, a presença africana compôs um conjunto de representações e práticas que reúne elementos do catolicismo popular, da religiosidade afro-brasileira e das culturas indígenas, tendo como base procedimentos terapêuticos e a crença nos encantados. Esses elementos coadunam códigos religiosos genericamente denominados: pajelança.

A pajelança é uma prática religiosa que reúne aspectos e elementos do catolicismo popular, das culturas indígenas e africanas e da chamada “medicina popular”. Um de seus princípios é a cura de doenças físicas e espirituais, baseada no tratamento do corpo com a utilização de ervas terapêuticas. O manejo dessas plantas transcende o valor de uso, posto que tais recursos possuem valor simbólico e espiritual.

¹Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Fórum de Pesquisa “Percursos de Saúde no Brasil de hoje: religião, corpo e saúde”.

No Maranhão, está inscrita no universo afro-religioso, tanto pelos participantes, pajés e consulentes quanto pelos pesquisadores das diversas áreas de conhecimento. Os participantes dos terreiros maranhenses consideram como principal função da pajelança o equilíbrio geral - corpo e alma - através da força das ervas e do poder dos encantados. Contudo, sua função não se resume ao tratamento de doenças. Seus domínios abrangem o entretenimento, estilos de vida e visões de mundo que constituem um universo religioso com representações e códigos próprios.

As entidades pertencentes a esse universo recebem o nome genérico de encantados. A categoria “encantados” se refere ao conjunto de entidades que auxiliam os pajés durante os tratamentos de doenças. A pajelança, no Maranhão, como a encantaria amazônica, o catimbó, a jurema e outros, mescla heranças indígenas com as tradições africanas e afro-brasileiras. Nesse sentido, Prandi (2004, p.9) argumenta que essas práticas constituem o “universo da encantaria brasileira”.

Genericamente, pajés e consulentes denominam “pajelança” todo tipo de evento que ocorre no *barracão*². “Cura e pajelança são a mesma coisa”, dizem, mas é preciso levar em conta que na prática não é bem assim. São estabelecidas algumas divisões demasiadamente sutis, situação que implica uma reflexão mais cuidadosa acerca da lógica interna desse código de crenças.

Primeiramente, “cura” pode ser usada em vários sentidos imbricados em dois aspectos básicos: a *Cura*-pajelança e a *cura* - rito específico. A primeira refere-se ao conjunto das práticas religiosas, à idéia de totalidade, posto que em alguns relatos os sujeitos utilizam a palavra *Cura* como sinônimo de *pajelança*. No segundo caso, a *cura* também aparece nas falas como nome dado a um rito específico: *a sessão de cura*.

A *sessão* pode ser pública, no terreiro ou privada, na casa do doente ou do pajé. Os tambores têm função marcante e, por conseguinte, o *abatazeiro* - responsável por esses instrumentos. O tipo de *sessão* acompanha a gravidade da doença ou do problema encaminhado e diagnosticado.

Os tratamentos abrangem vários campos de conhecimento: sobre o corpo, plantas, remédios, conflitos e problemas que possam ser identificados como causadores de males. Esses elementos não são interpretados de maneira compartimentada e fazem parte de uma relação de causalidade.

²Precisamente no município de Bequimão, Baixada Maranhense, no qual grande parte da pesquisa foi realizada.

Nesse sentido, compreendem uma vasta área de competências e funções que submetem a eficácia do tratamento a uma eficácia mais envolvente. Nesse momento, parece – nos oportuno destacar a atuação dos indivíduos competentes tanto para manusear os elementos que compõem os remédios quanto para aplicá-los - os especialistas.

O pajé

A rede de relações, construídas entre os pajés e demais participantes, coaduna relações de parentesco, amizade, compadrio e, especialmente, gratidão de pessoas que já foram curadas e depois disso passam a fazer parte, de alguma maneira desse espaço. Não obstante, essa participação confere à organização de festejos e *sessões* contribuindo financeiramente ou até mesmo assumindo tarefas permanentes, como *meseiro* e *abatazeiro*.

Quando se acompanha de perto a movimentação de um terreiro de pajelança, não se leva muito tempo para entender que tratar e curar não tem distinção. Se de um lado, tratar é manter relações, cuidar, confortar, dar conselhos, prevenir, debelar a doença, pois tudo isso é envolvido numa categoria mais abrangente: a cura de um sofrimento; por outro, o ato de “curar” constrói novas relações e expectativas. Não raro quando uma pessoa é curada por um pajé, tende a ser grata e a manter contato mais próximo com o curador e com o *barracão*.

Vale ressaltar que nem todos os pajés possuem um *barracão* com calendário regular de festas. Alguns atendem em suas residências ou nas casas dos doentes. Partindo de semelhante abordagem, Pacheco (2004) argumenta que a capacidade de formar e manter uma rede de relações sociais é um dos vetores pelos quais se mede o sucesso e o prestígio de um pajé. Assim, a relação entre ele e seus consulentes vai muito além de uma relação estritamente profissional e monetária. Nessa direção, pode haver uma “certa equivalência entre ‘ser curado’ e ser recrutado para um grupo social determinado” (2004, p. 131). Esse grupo é integrado por clientes e ex-clientes dos pajés, vizinhos, amigos, familiares. É nele que o pajé recruta, também, seus abatazeiros e a *assistência*.

Para os especialistas, a cura é entendida como um processo, no qual diversos elementos estão envolvidos: a religiosidade; a crença do consulente, do pajé e da *assistência*; o manejo das ervas e outros materiais considerados curativos.

Os pajés se apresentam como detentores de um conhecimento religioso e terapêutico atravessado pelo dom e pela experiência³. Contudo, a partir do reconhecimento dos

³Refiro-me ao dom como qualidade inata que implica um poder específico do pajé e à experiência como o conjunto de habilidades, como o manejo das ervas e o fazer dos remédios, resultantes do exercício da prática religiosa.

consultentes, um espaço de atuação que permite a conquista de espaços de poder, cuja garantia não confere apenas ao dom, embora o “dom verdadeiro” - o *nascer pronto* - seja o princípio de legitimação. Não raro, os pajés sempre ressaltam, obstinadamente, terem trazido seu dom desde nascença, bem como seus sacrifícios e renúncias.

Um discurso consensual entre os pajés é que o dom religioso é descoberto por intermédio de doenças ou visões perturbadoras quando ainda criança. Nessa fase, sofre com doenças misteriosas intermediadas por visões perturbadoras que o perseguem, situação que pode ser remediada com *sessões de firmeza* em que um outro pajé realiza um trabalho para afastá-lo das ações dos encantados maléficos, podendo esse afastamento se definitivo se assim for desejado. Também recorre ao *encruzo* quando oficialmente o indivíduo torna-se um pajé. Essas medidas, além de buscarem a cura, são em si mesmas, profiláticas e combatem o sofrimento prematuramente prescrito pelo destino de ser um curador.

Os curadores são reconhecidos pelos consultentes como portadores do saber religioso e do conhecimento das ervas terapêuticas, sendo, em muitas situações, o mediador entre o mundo da Terra e o mundo sagrado. Sobre esse aspecto, deve-se ter cuidado com a idéia de que existiria uma unidade ou uma homogeneidade na prática de todos aqueles que se designam e são designados especialistas. Alguns se definem como pais-de-santo e pajés; outros como pajés e mineiros, ou ainda apenas “pajé”.

O espaço de atuação e o papel desempenhado por esses indivíduos estão em constante renovação e adaptação às diversas situações. Diante disso, o modo de fazer remédios e a preparação das ervas curativas, apesar de ser considerado procedimento “ancestral” ou “tradicional”, coexiste com a experimentação de novas fórmulas condizentes com as “novas” doenças e demandas.

Por conseguinte, o papel do pajé como possuidor de um saber específico é intermediado pelas relações construídas entre ele e seus consultentes cujo suporte a eficácia do tratamento simbolizado pela cura. A crença em seu trabalho não deixa de ser um mecanismo para atrair consultentes. E, nesse ponto, sua prática deve ser, ou pelo menos parecer, comprometida, sobretudo, com o bem, visto que o curador está constantemente sujeito a mecanismos de controle.

Tomemos a história de um pajé, Roberto. Ao narrar sua experiência religiosa destaca três elementos: o *nascer pronto*, o sofrer e a grande capacidade de curar. Quando chegou a Bequimão, aos vinte anos de idade, não tardou que fosse reconhecido, ainda jovem, como um grande curador. Realizou uma cura em um homem que teve um desmaio misterioso e,

logo após, caiu doente. Roberto como ainda não era conhecido pajé nem tinha conquistado a confiança das pessoas. Assim, nem sequer foi chamado para tratar esse moço. Embora muitos outros tivessem sido convocados, nenhum deles conseguiu curar o tal moço. Entretanto, ao saber da notícia, pensou que, de acordo com os sintomas cujas informações sobre o caso descreviam, parecia tratar-se de encantados que viviam nas matas e teriam castigado o homem. Curioso e instigado pelo o caso, foi à casa do doente. Conforme suas palavras:

Quando eu soube disso pensei logo que ele tinha feito alguma coisa errada no mato. Olha, aconteceu o seguinte: ele trabalhava na roça e indo pra roça e viu um cachorro, isso só nas vistas dele! Só que aí, quando ele voltou, contou pra umas pessoas, só que não era pra ele contar! Por isso ele perdeu a voz, ficou mudo e caiu doente. Essa visão era segredo, ‘essas coisas’ que a gente vê a gente só pode contar pra quem entende da religião.

Sim [...] Aí me chamaram pra curar esse moço, eu ainda muito novinho e tal, fui pra lá. Quando cheguei era povo de tudo que era lado pra ver esse moço sem voz que já tava despachado pra morrer! Aí cheguei perto desse moço, me concentrei, toquei nele e chamei um caboclo, o Caboclo da Gota Serena; porque quando ele ‘baixa’, dá orientação pra curar, pra fazer remédio [...] Só sei que curei o moço. Como nesse dia da cura era dia de Santa Teresa, esse moço fez uma promessa de fazer festa pra santa todos os anos. Depois desse ocorrido, minha fama correu pela boca do povo como curador, como pajé, e até hoje tô aqui em Bequimão.

Roberto

Diante do processo de legitimação do ofício de um pajé é preciso levar em conta enfaticamente a dimensão das hierarquias e disputas travadas entre esses especialistas. Os mais “competentes”, os pajés com “mais grau”, são os que fazem os trabalhos mais difíceis, sendo, por isso, mais respeitados.

Um pajé que “sabe trabalhar” ocupa lugar de destaque e, concomitantemente, agrega grande número de ajudantes, participantes e consulentes, sendo os festejos e curas realizados por ele bastante freqüentados. Além de conhecimentos, elementos que também direcionam as hierarquias internas, o principal não é curar por curar, mas a crença na cura princípio que ordena a eficácia do procedimento.

Nos relatos dos pajés, o aspecto do sofrimento é bastante valorizado, como se a experiência de ser pajé fosse legitimada pela condição de ter sofrido. A condição de martírio e de abnegação fundamenta a verdadeira prática religiosa. O sofrimento, além de uma condição legitimadora, revela a maneira pela qual são descobertas os mistérios e as ligações com o mundo dos encantados.

O sofrimento é combatido por meio das obrigações que funcionam como compromissos e tarefas a serem cumpridos ao longo da vida, como se fossem seres “endividados” com os encantados. A saúde física e espiritual varia de acordo com o momento vivido, bem como o cumprimento ou não das obrigações.

No entanto, é importante frisar que existem outros indivíduos, além dos pajés, especializados nos tratamentos de doenças que atuam com semelhante eficácia, embora tenham funções distintas e sejam considerados “menos” poderosos que os pajés: o rezador/rezadeira, o benzedor/benzedeira, a parteira e o mezinheiro.

Reza, oração e doutrina: outros terapeutas

Esse universo abrange outros intermediários entre o mundo e Deus, entre humanos e encantados - o *rezador/rezadeira*, o *benzedor/benzedeira*, a *parteira* e o *mezinheiro*. Munidos de habilidades diferenciadas, esses oficiantes agem; em algumas situações, com regozijos, já que compartilham dos mesmos códigos; noutras, competem diretamente em razão de discordâncias quanto às técnicas e procedimentos.

A grande maioria trabalha em casa, trata doenças consideradas de menor gravidade, possui uma horta no quintal e uma série de receitas e/ou orações anotadas em pequenos cadernos. Alguns guardam remédios já preparados para serem tomados.

Prado (1973), em estudos sobre a pajelança e sobre a significação dos “funcionários religiosos da Baixada Maranhense”, argumenta que o padre e o pajé ocupariam os extremos desse sistema religioso e os rezadores e benzedores o meio. O padre articularia a comunicação com o exterior (religião católica) e o pajé com o código local.

Sobre esse aspecto, esses especialistas encontram-se envolvidos em contradições, descontinuidades, relações de compadrio, de batismo e de parentesco, assim como articulam uma percepção sobre o mundo “natural” e “não-natural” a partir de categorias complexas, escorregadias e difíceis de compreender, especialmente para um observador “de fora”⁴.

⁴Não nos debruçamos, para a análise aqui levantada, sobre a função do padre nesse espaço. Sobre a importância desta categoria na formação das classificações que permeiam as práticas e técnicas da pajelança, restringimos às observações elencadas por Prado no que se refere à questão mais ampla dos “funcionários religiosos” dessa região. Nessa direção Prado (1973, p.31-32) destaca que o padre, como indivíduo, ocupa um lugar diferente dos demais especialistas, por deter um saber legitimado pelo código dominante. Nisso também se distingue dos outros especialistas por seu saber=poder não proceder, como no caso do rezador ou do benzedor, da tradição, ou como acontece com o pajé, da possessa e do transe, mas sim da formação.

Em todas essas especialidades evidencia-se a ligação do remédio com a palavra. Para o rezador, a reza; para o benzedor, a oração – benditos e ladainhas; para o pajé, a doutrina. Para entender essas categoria não basta enumerá-las de maneira sucessiva, mas demonstrar como, às vezes, essas funções sobrepõem-se, posto que muitos sujeitos acumulam funções e as diferenciam de modo extremamente particular.

No quadro seguinte, apresentamos algumas particularidades - dados pessoais, autodefinições e ofícios - referentes aos especialistas, assim classificados, por serem grandes conhecedores dos códigos da pajelança e dos tratamentos⁵.

Quadro 1

Especialistas e Especialidades

Nome	Autodefinição	Especialidades	Outras informações
1. Nhá Ju	Pajé Parteira Benzedeira	Curandeira. Já encruzou vários pajés. Realiza partos, <i>benzições</i> e consultas. Seus remédios e banhos são muitos procurados por pessoas da cidade e localidades próximas.	62 anos. Natural de Santa Teresa, povoado de Bequimão e residente na sede do município. Aposentada.
2. Roberto	Pai-de-santo Pajé Mineiro	Encruzos e consultas em geral que misturam Mina, Umbanda e Pajelança.	44 anos. Natural de São Luís. Nascido no bairro da Liberdade/Monte Castelo. Filiado à Federação de Umbanda de São Luís, durante sua vida participou de vários terreiros, mantendo contato com Casas no Rio de Janeiro e em São Luís.

⁵Em Bequimão não constatei o uso de termos genéricos que reunissem o conjunto desses sujeitos aqui denominados “especialistas”. As pessoas listadas correspondem àquelas com as quais mantive contato mais próximo. Denominam-se e são denominados, no sentido geral, como conhecedores das ervas e demãos materiais utilizados nos remédios.

3. Joca	Professor aposentado Pesquisador	Professor, pesquisador, freqüentador de pajelanças há várias décadas e profundo conhecedor de ervas e remédios curativos. Mezinheiro	76 anos. Natural de Bequimão (sede), professor aposentado com mais de cinquenta anos de magistério. Lecionou para um grande número de pessoas da cidade. Há alguns anos vem pesquisando sobre a história do município e tal pesquisa resultou em alguns manuscritos. Organizou anotações sobre ervas e remédios, inclusive, muitas de suas anotações foram utilizadas neste trabalho.
4.Dico Fariseu	Aposentado Rezador Benzedor.	Possui vasto conhecimento sobre plantas e remédios naturais contra dor de cabeça, sinusite, “doenças de mulher”, limpezas de corpo e problemas de saúde em geral. Benze contra mau olhado, encosto, assombro e outros. Reza em festejos para santos e em sessões de cura.	75 anos. Natural de Bequimão (sede)
5. Rosa	Pajé Mineira Benzedeira	Trabalha em seu <i>barracão</i> . Realiza trabalhos mais simples e organiza festejos para santos, entre eles São Sebastião, em janeiro, e São Benedito, em abril.	50 anos. Natural de Macajubal, povoado de Bequimão, dona de casa. Fundou seu <i>barracão</i> há vinte dois anos.
6.Chica	Pajé Mineira	Somente cumpre suas obrigações no <i>barracão</i> de Rosa e auxilia nos trabalhos e sessões	Natural de Bequimão, sede.

O benzimento e a reza são duas atividades que se confundem. Geralmente não se cobra por elas, exceto quando se trata de um festejo mais profano, principalmente, se o benzimento ou reza precisarem ser feitos em uma localidade distante do qual o benzedor e/ou o rezador residem. Consistem em atos de cura com a aplicação de gestos e palavras acionados

por Deus, amparados pela prece e pela oração com o objetivo de curar ou proteger contra qualquer mal. Abertamente, os rezadores e benzedores não afirmam receitar remédios, apenas benze-se e reza-se, ao contrário do que acontece com o tratamento com o curador. No entanto, na prática, conselhos são dados, prescrições e remédios são indicados e seguidos pelas pessoas tratadas por eles.

Ao acompanhar um rezador, logo se percebe sua familiaridade com os códigos do catolicismo, da missa e do padre. De posse de orações específicas, desconhecidas pela maioria, não raro é acionado para afastar perigos, doenças e, também, “ajudar a morrer”, no caso de doentes desenganados. Recorre-se ao rezador para pedir proteção para os festejos de santos, para os batizados das brincadeiras da região e para variados eventos em que incidam orações.

Dico Fariseu, rezador e benzedor, conhece muitas rezas, mantém várias cartilhas e cadernos com orações, livros sobre as histórias de santos católicos, anjos e encantados. Participa, como rezador, de variados eventos, batizados de crianças e de brincadeiras da região, como o Bumba-Boi, festas para santos, encruzos, ou ainda, *sessões*, juntamente com o pajé, na casa de um consulente e no *barracão*. Outra de suas atribuições é o ato de benzer, a *benção* – uma benção onde são proferidas orações. O benzimento funciona como ato de prevenção, como medida profilática para algum mal que possa atingir pessoas, animais, plantas e objetos variados.

O benzedor dispõe de orações e técnicas. Reza fazendo o sinal da cruz com o auxílio de “matos” - ervas capazes de prevenir e curar. A diferença da oração proferida pelo benzedor e a do rezador é que a primeiro se aproxima bem mais do mundo dos encantados, distanciando-se do código católico. As orações do benzedor são mais livres e incluem expressões e palavras com grande desenvoltura e pouco formalismo, às vezes, de forma incompreensível para os ouvintes menos familiarizados. Nas palavras de Dico Fariseu “para tudo tem uma reza”. Mas, ao mesmo tempo, confessa que, diante do doente, não sabendo a oração certa, outra resolve, pois rezando com fé o doente sara pela “benção do rezador, e pela benção de Deus”, diz Dico. As principais doenças que levam à procura de um benzedor estão relacionadas ao mau-olhado, as quebranto, ao *aborrecimento do corpo* ou apenas à *benção* como forma de proteção. Não é preciso que o doente vá até sua casa para que ele o benza. Ele executa sua benzedura na própria casa do enfermo ou em suas peças de roupa.

Nessa direção, retomo a discussão sobre o acúmulo de funções de forma a dificultar tentativas de distinções. Mas dentro da “dimensão sexo”, Prado (1973) singulariza uma outra especialidade, a de ser benzedeira e parteira:

Os benzedores podem ser homens ou mulheres. Entre as últimas, no entanto, quando se soma uma especialidade a mais, ou seja, o fato de ‘partejar’ mulheres, temos as parteiras. Não são todas as benzedoras que são parteiras, mas não há parteira que não seja também benzedora. Aliás, a difícil tarefa de secundar o parto de uma mulher, onde vida e morte se roçam de perto, situa a parteira dentro do domínio semântico de triunfo da primeira sobre a segunda. Todas as vezes que, de novo, a morte rondar a vida, a parteira será chamada a atuar (agora, como benzedora). Eis porque a “parteira” não será tratada como uma categoria que extrapolasse os quadros do benzedor. Ao contrário, ela é uma *espécie de*. Do mesmo modo que ele recorre, em seu serviço, a rezas eficazes. O que a distingue como parteira será apenas a conjunção de dois traços: o tipo de sofrimento a ser tratado (= o parto) e a dimensão sexo: uma mulher. (1973, p.41).

A imagem da parteira é constantemente ambígua. É alguém que se encontra na encruzilhada da vida e da morte. Propiciar o nascimento é uma função sagrada, um chamado de Deus, um dom especial, assim como o do pajé que *nasceu pronto*. Elas rezam pela proteção dos santos, de Deus e de Nossa Senhora.

Nhá Ju é uma pajé que acumula três funções: curadora, benzedeira e parteira sempre comenta que já “perdeu a conta” de quantos partos e benzimentos já realizou, bem como de quantos afilhados ganhou em decorrência dessas atuações. Quando lhe perguntei sobre a diferença entre essas atribuições, ela respondeu que são distintas, mas acrescentou que os encantados e, sobretudo, Deus, a auxiliam nesses trabalhos. No entanto, não tivemos notícias sobre um pajé “rezador”, mas em relação aos pajés “benzedores” fui informada de várias indicações.

De maneira semelhante à liberdade do benzedor em improvisar suas rezas, as parteiras/benzedoiras tem ampla autonomia ao proferir suas orações de conforto. Essas rezas ou orações diferem daquelas do ritual católico no sentido que não constituem invocações ou meios de se comunicar com a divindade, mas possuem em si próprio o poder de curar. A forma e o conteúdo das rezas variam segundo a parteira.

O mezinheiro aproxima-se do *doutor do mato* e do raizeiro, este último personagem muito comum da religiosidade popular do Norte e Nordeste brasileiros⁶, cuja atribuição

⁶O raizeiro é popularmente relatado como uma pessoa que procura e vende as raízes medicinais, muitas delas sobejamente conhecidas. Além dos raizeiros que só preparam os remédios: banhos, garrafadas e explicam como fazer os chás, há outros que são, também, curadores.

geralmente é dada a um sujeito “letrado” e de boa memória que acumula receitas de chás, banhos e remédios feitos com ervas. A função do mezinheiro é curiosa. Comumente é relatado como aquele não só faz, mas ensina os interessados a fazer remédios, fato por vezes mantido em segredo por alguns pajés. Seu capital também reside na capacidade de ensinar, como se fosse um professor ou alguém que domina a escrita, as normas oficiais. Curiosamente, assim se caracteriza Seu Joca, também conhecido por Joca “professor”. Ele não se autodenomina “mezinheiro”, mas ao descrever sua prática relacionada aos conhecimentos das ervas, torna-se perceptível uma aproximação com o que alguns denominam na localidade de *mezinheiro*.

É necessário ressaltar mais uma vez a importância do pajé. Seu domínio - a capacidade de comunicar-se com o mundo dos encantados - corresponde à base de todo o universo de crença da pajelança. Por meio das doutrinas, o encantado, anuncia sua chegada e, posteriormente, serve-se do pajé como elo para o bem, para cura. Ao lado disso, o *barracão*, um espaço comandado pelo pajé, coaduna todos os especialistas anteriormente mencionados, por vezes considerados “abaixo” dos pajés e com poderes restritos. É verdade que nem todo rezador, benzedor, parteira ou mezinheiro têm que, necessariamente, relacionar suas atuações com o pajé ou com o *barracão*, embora, na prática, estes últimos sejam constantemente tomados como pontos de referencia mesmo que seja para a negação de possíveis ligações.

Referências

- ANDRADE, Mário de. **Música de feitiçaria no Brasil**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1983.
- DA MATTA, Roberto. (Org) e outros. **Pesquisa Polidisciplinar Prelazia de Pinheiro**, v. 3 – aspectos antropológicos. São Luís: IPEI/CENPLA, 1974.
- FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Maranhão encantado**: encantaria maranhense e outras histórias. São Luís: UEMA Ed., 2000.
- MAUÉS, Raymundo Herald. **Padres, Pajés, Santos e Festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Belém: Cejup, 1995.
- MOTA, Christiane de Fátima Silva. Doenças e Aflições: o processo terapêutico na pajelança. Dissertação de Mestrado/PPGCS-UFMA. São Luís, 2007.
- PACHECO. Gustavo de Britto Freire. **Brinquedo de Cura** – um estudo sobre a pajelança maranhense. (Tese de Doutorado). PPGAS/MN/UFRJ, 2004.
- PRADO, Regina de Paula Santos. Sobre a classificação dos funcionários religiosos da zona da Baixada Maranhense e Rede de Solidariedade: Um estudo sobre o parentesco e o compadrio no interior maranhense. In: DA MATTA, Roberto (org). **Pesquisa polidisciplinar - Prelazia de Pinheiro**, v. 3, aspectos antropológicos. São Luís: IPEI/CENPLA, 1973.
- PRANDI, Reginaldo (org). **Encantaria Brasileira**. O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.